

A INFLUÊNCIA DA LEITURA NA AQUISIÇÃO DA ORTOGRAFIA: Um Estudo com Alunos da 2ª Série do Ensino Médio

Daniele Alves Jorge¹

Rodrigo Marques Lima²

Nayara Alcantara³

Resumo

Este estudo busca refletir sobre a influência da leitura no processo de aquisição da ortografia e em que medida é possível determinar a correlação entre esses processos. Além da análise de conceitos sobre ortografia e processos mentais envolvidos na leitura, como o exame de uma investigação realizada por Zanella (2007), o presente artigo traz uma pesquisa quantitativa realizada com alunos do ensino médio. A análise aqui empreendida objetiva mensurar em informações numéricas a correlação do desempenho em ortografia por jovens que se declaram leitores ativos ou não com a finalidade de apresentar dados que corroborem com a hipótese inicial.

Palavras-chave: Ortografia. Leitura. Reconhecimento de Palavras. Modelos de Leitura.

THE INFLUENCE OF READING HERE ON THE SPELLING: A Study with 2nd Grade High School Students

Abstract

This study seeks to reflect on the influence of reading on the spelling acquisition process and how it is possible to determinate the correlation between these processes. In addition to analyzing concepts about spelling and mental processes involved in reading, as well as examining an investigation carried out by Zanella (2007), this article presents a quantitative survey carried out with high school students. The analysis undertaken here aims to measure, in numerical information, the correlation of spelling performance by young people who declare themselves to be active readers or not, in order to present data that corroborate the initial hypothesis.

Keywords: Spelling. Reading. Word Recognition. Reading Patterns.

¹Graduada em Letras pelo UGB/FERP.

²Graduado em Letras pelo UGB/FERP.

³Mestranda em Ensino pelo Centro Universitário de Volta Redonda. Especialista em Língua Portuguesa, Gestão e Docência Escolar e Gestão e Docência em Ensino Superior pelo UGB/FERP.

Introdução

No presente artigo, iremos tratar sobre a estreita relação entre a leitura e o processo de aquisição da ortografia. Sabe-se que há uma enorme dificuldade no processo de aquisição das normas ortográficas, muito por conta da complexidade no sistema que rege a escrita da língua portuguesa. Diante de erros ortográficos, o docente e o discente ficam descontentes com a ortografia, por questões que serão apresentadas na presente obra, como por exemplo, o fato de fonemas serem iguais, porém com representação de morfemas diferentes, o que pode causar problemas morfossintáticos. A partir da problemática, serão apresentados o conceito de ortografia e os principais desafios no ensino e aprendizagem. Será apresentada ainda uma análise do estudo realizado por Maura Spada Zanella (2007) a respeito do tema e será proposto um teste com alunos do ensino médio com o propósito de assimilar que os leitores ativos obtêm maiores facilidades quanto à ortografia pondo em oposição os leitores que se dizem não ativos – vale ressaltar que não queremos tratar aqui o campo da *produção textual*, mas sim a correlação entre saberes ortográficos adquiridos através do processo de leitura.

O que é ortografia

Antes de qualquer definição, vale ressaltar alguns pontos em que podem abarcar alguns problemas no sistema ortográfico, pois há sempre dificuldade no processo de definição e construção da Ortografia por ora se basear no valor fônico da língua, ora basear-se na fonologia, o que pode causar ligeira confusão de entendimento. Bechara afirma:

Nas línguas em que, ao lado da realidade oral, existe a representação escrita de um sistema convencional dessa oralidade chamado sistema gráfico ou ortografia, este sistema se regula, em geral, ora pela fonética, ora pela fonologia, o que conduz a uma primeira dificuldade para se chegar a um sistema ideal, que exigiria uma só unidade gráfica para um só valor fônico. (BECHARA, 2009, p.23)

Pode-se perceber que, a partir dessa afirmação, é difícil chegar a uma única unidade gráfica que represente apenas um valor fônico, principalmente pela pluralidade de dialetos que existem no Brasil – levando em conta apenas os falantes lusófonos brasileiros. Há outro ponto que pode trazer confusão sob à ótica da língua enquanto fala, pois essa está em constante mudança, ao passo que a nossa ortografia se torna arcaica muito rapidamente, pois, comumente, percebemos que a representação gráfica do fonema não reproduz fielmente a fonologia. É bastante comum as representações gráficas que reproduzem o som na escrita – letra – ter outras representações fonológicas, veja ainda como Bechara trata a questão:

O nosso sistema fonológico tem sete fonemas vocais orais tônicos para cuja representação temos apenas cinco letras (a – e – i – o – u). Costuma-se hoje chamar grafema à unidade gráfica (letra) da escrita. (BECHARA, 2009, p. 41)

Para efeito de definição, Faraco e Moura (1997, p.17) afirmam que a ortografia é a parte da gramática que trata da escrita correta das palavras. O nome *ortografia* é de origem grega e a etimologia da palavra diz que *ortho* significa “correto” e *graphos* quer dizer “escrita”. Portanto, ortografia nada mais é do que o conjunto de normas que regularizam a forma correta de se escrever.

Principais dificuldades na aprendizagem da ortografia

Vários estudos vêm apontando as dificuldades na aprendizagem da ortografia, pois o sistema se baseia na representação gráfica obtida pelos sons da fala e, a partir daí, identifica-se enormes dificuldades no processo de aquisição da ortografia e na produção de textos.

Rev. Episteme Transversalis, Volta Redonda-RJ, v.13, n.3, p.211-225, 2022.

No sistema ortográfico português, nota-se um conjunto de regras onde é regularizada a grande maioria das palavras. Morais (1998, p.77) afirma que a ortografia regular se baseia na escrita a partir de um conjunto de regras, na qual a escrita é regida por esse conjunto, conquanto a ortografia irregular é caracterizada apenas pela visualização e memorização dos vocábulos.

Para um bom desenvolvimento ortográfico de uma criança, primeiramente, essa precisa ser exposta as tais regras, pois sem contato não pode haver conhecimento enquanto aprendizagem. Por exemplo: na língua escrita lusitana, a representação da nasalização se dá por meio de 3 sinais ortográficos, /m/, /n/ e /~/. Mas veja, em sílabas que precedem os sinais gráficos /b/ e /p/, a utilização da letra /m/ é obrigatória, ao passo que a utilização de /n/, por exemplo, se caracteriza como um erro ortográfico. Ora, nenhuma criança ou adulto não alfabetizado tem conhecimento das tais regras sem que haja o mínimo de contato – pode-se então, aplicar o conceito de regras regulares nessa situação.

Comumente, ao analisarmos produções textuais de alunos ainda em fase de alfabetização, encontramos desvios na ortografia referente à morfemas diferenciados que designam o mesmo fonema. Tomando como exemplo o pretérito perfeito dos grafemas verbais, não incomum, em textos a troca do morfema -i por -e no final da palavra, o que pode acarretar uma interpretação totalmente diferente do que o produtor do texto deseja apresentar, pois na perspectiva verbal, *aprendi* indica o pretérito perfeito enquanto *aprende* é utilizado, no campo da coloquialidade, para indicar o presente do indicativo; geralmente as frases com essa característica, não é utilizada com pessoas gramaticais do discurso, mas sim com o pronome de tratamento você, característica refletida da oralidade.

Os desvios, de acordo com Meireles e Correa (2005, pag. 78), não partem apenas do princípio de não saber as regras, mas sim uma tentativa de representar o morfema de acordo com o conhecimento do fonema adquirido enquanto se aprende a falar, e por isso é comum observar erros a partir da tentativa de transcrever cada som emitido na modalidade oral. Meireles e Correa (2005, p.78) concluíram:

Os estudos que realizam uma análise qualitativa dos erros ortográficos cometidos pelas crianças ao escrever partem, em geral, da perspectiva de que tais erros não seriam cópias imperfeitas realizadas pelas crianças, mas sim tentativas válidas de grafar as palavras baseadas nas suas ideias sobre a escrita. Portanto, as produções infantis, mesmo as não convencionais, refletiriam o nível de elaboração alcançado pelas crianças sobre o conhecimento ortográfico. (MEIRELES E CORREA, 2005)

Não se pode negar que os indivíduos, mesmo aqueles que mantêm uma leitura ativa e constante, podem e cometem erros ortográficos ou tem dúvidas quanto à grafia correta de determinadas palavras, como cita Jorm (1985) apud Zanella (2007, p.34): “Não raro, encontra-se acadêmicos com problemas graves de ortografia e esse problema sem dúvida existe também em outros grupos profissionais”. Todavia, é inegável que a prática de leitura é uma das principais formas de aprendizagem, sobretudo no que diz respeito à ortografia irregular – de acordo com o conceito apresentado por Morais (1998, p.77) –, pois a memória fotográfica auxilia num bom desenvolvimento de escrita (esse tema será proposto na metodologia).

Processos através dos quais a leitura se concretiza

Zanella (2007, p. 20) aduz para o fato de que para analisar em que níveis a leitura auxilia na aquisição da ortografia, é necessário primeiramente compreender os processos por meio dos quais ela se realiza. Segundo a autora não existe consonância entre os pesquisadores da área sobre a maneira como esses processos mentais acontecem, embora existam inicialmente duas concepções opostas a respeito dos processos cognitivos envolvidos: a leitura descendente e ascendente.

O conceito de leitura descendente ou *top-down*, segundo Zanella (2007, p. 35), define que a leitura ocorre por reconhecimento instantâneo, sem análise sintética (letra por letra, sílaba por sílaba). Essa abordagem segue no sentido da macro para a microestrutura e da função para a forma.

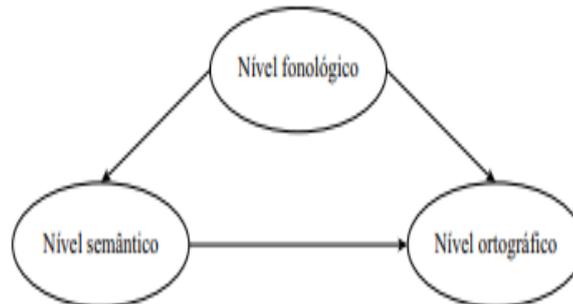
O Conceito de leitura ascendente ou *bottom-up*, considera que esse processo se realize por intermédio de informações visuais linguísticas de maneira sequencial e

indutiva. Nutal (1996, p.17) conforme citado por Marcuzzo (2009) afirma que nesse modelo o significado da palavra é construído pelo reconhecimento das palavras nas páginas impressas, ou seja, com base em percepções sensoriais. Esse modelo atua do específico para o geral, ou seja, parte das palavras para as sentenças (Meurer, 1985, p.37).

Além desses modelos que convergem entre si, existem outros de acordo com Ellis (2001) que incorporam as teorias ascendente e descendente. São dois principais modelos segundo a autora e são conhecidos como: dupla rota e conexionista. Ellis (2001) expõe que o modelo de dupla rota se inicia na análise visual da palavra impressa, daí a palavra pode seguir a chamada rota fonológica (conversão de grafemas em fonemas) ou pela rota lexical, que recorre à ativação do léxico mental. As palavras desconhecidas ou pseudopalavras⁴ normalmente são lidas pela rota fonológica. Já as palavras conhecidas, porém irregulares, costumam ser lidas pela rota lexical. O modelo conexionista defende que a leitura é composta por unidades agrupadas nos níveis ortográfico, semântico e fonológico (Plaut, 2005 apud Nobre, 2013). O nível ortográfico recebe o estímulo visual da palavra e envia ativação para outros níveis. O acesso ao significado se dá então através da ativação dos caminhos fonológico ou ortográfico. A Figura 1 apresenta um modelo simplificado da teoria conexionista:

⁴ Palavras que não existem no léxico da língua, mas podem ser lidas com base nas regras ortográficas dessa mesma língua

Figura 1. Um modelo conexionista de reconhecimento de palavras



Fonte: Gonnerman, Seidenberg e Andersen (2007) *apud* Nobre (2013)

Correlação entre Leitura e Ortografia – Análise de um estudo realizado por Zanella (2007)

Como observado na seção anterior há uma relação estreita entre leitura e ortografia, e atentando-se para o fato de que a percepção sensorial visual, ou seja, o reconhecimento da palavra impressa tem papel atuante na leitura, infere-se que ao ler, o indivíduo é exposto à grafia correta da palavra e aprende a reconhecê-la e armazená-la em seu léxico. É nesse ponto que se acredita que a leitura se constitui de uma ferramenta útil no aprendizado da ortografia. No entanto essa exposição precisa acontecer de forma natural e contextualizada, conforme apontado por Oliveira (2016) “O aluno somente interioriza o conhecimento da estrutura gramatical, se ela for contextualizada em situações ou contextos comunicativos”. Vivaldo (2006) *apud* Oliveira (2016) atenta para a necessidade de tornar mais agradável e natural a experiência do estudo da gramática não somente como estudo de regras, mas também com a leitura de textos e livros.

Zanella (2007, p. 92) em pesquisa realizada com um grupo de 267 participantes, sendo 116 meninas e 151 meninos com idade entre 9 e 14 anos do ensino fundamental, buscou medir a correlação entre leitura e ortografia. Para isso, foram aplicados testes de reconhecimento de ortografia baseados na morfologia das

palavras, utilizando os sufixos OSO, EZA, ICE e EZA, e também testes de compreensão de leitura, cuja descrição é dada por Zanella (2007, p.73):

A tarefa apresenta-se na forma de 16 enunciados, cada um associado a uma gravura dividida em quatro imagens. É solicitado ao aluno que ele escolha a imagem que melhor represente o enunciado proposto. A tarefa não apresenta sempre o mesmo grau de dificuldade. Para certas gravuras, a resposta correta depende da simples construção de uma representação da imagem a partir do enunciado, para outras gravuras a resposta correta depende de uma inferência, necessária para o aluno operar com deduções. (ZANELLA, 2007, p.73)

A pesquisa concluiu que o desempenho nas tarefas de compreensão de leitura e de reconhecimento ortográfico apresentaram correlação bastante significativa. Para medir isso, foi utilizado o coeficiente de correlação de Pearson, que de acordo com Figueiredo Filho e Silva Júnior (2009) trata-se de um teste que mensura a correlação entre duas variáveis contínuas. Foi encontrado então o nível de correlação de 0,326, sendo que para essas variáveis, a correlação seria considerada significativa a partir de 0,01.

Nas análises realizadas, foi observado que os leitores que se apoiam na fonologia para o reconhecimento das palavras apresentaram níveis mais altos de correlação (taxas de até 0,555) do que os que se apoiam no conhecimento global da palavra (semântico/lexical) cuja taxa foi de 0,143.

A autora afirma em estudo similar realizado por Tunmer e Nesdale (1988) com crianças inglesas já havia sido constatado essa correlação entre leitura e ortografia, porém no caso dos ingleses, os leitores que se apoiam no reconhecimento global da palavra apresentaram melhor desempenho nas tarefas de ortografia. Essa diferença se deve ao fato de que a língua portuguesa apresenta mais correspondência entre grafema e fonema do que a língua inglesa.

Análise de dados

Com a finalidade de responder as indagações levantadas no decorrer dessa pesquisa acerca de em que medida a leitura auxilia no desempenho ortográfico, optamos pela escolha de um método de investigação a pesquisa de campo experimental de caráter quantitativa baseada em amostragem. A pesquisa qualitativa, segundo Fonseca (2002, p. 20) conforme citado por Gerhardt e Silveira (2009), é aquela cujos resultados podem ser quantificados, nesse caso as amostras são consideradas como uma representação da população alvo.

A pesquisa foi realizada com alunos de ensino médio do Instituto de Cultura Técnica (ICT) na cidade de Volta Redonda Rio de Janeiro. No total 50 alunos com faixa etária entre 15 e 17 anos participaram da pesquisa, sendo 26 garotas e 24 rapazes.

Os alunos receberam um formulário, conforme a figura 2, contendo os campos: idade, sexo e se o participante se considera ou não um leitor ativo. Em seguida foram apresentadas 30 palavras com alguns pontos que geram dúvida quanto a grafia, dentre elas, os dígrafos SS, CH, SC, LH, uso de hífen, palavras com G e J, palavras com E ou I, morfemas diferentes que representam o mesmo fonema, acréscimo e supressão de letras, troca na posição das letras, extensão da nasalidade, junção de palavras separadas e acentuação. O formulário orientava os alunos a marcarem um “X” para indicar se a grafia das palavras estava correta ou incorreta.

Figura 2. Formulário utilizado na pesquisa

IDADE: _____

SEXO: FEMININO () MASCULINO ()

VOCÊ SE CONSIDERA UM LEITOR ATIVO? SIM () NÃO ()

MARQUE COM UM X PARA INFORMAR SE A GRAFIA DA PALAVRA ESTÁ CORRETA OU INCORRETA:

	CORRETO	INCORRETO		CORRETO	INCORRETO
VÔO			EXATIDÃO		
HEROI			COMPREENÇÃO		
JIBOIA			ENCOMODAR		
INFRAESTRUTURA			IMPECILHO		
MICRO-ONDAS			AMINÉSIA		
CO-ORDENADOR			BICABORNATO		
DEGRAIS			MENDIGO		
MECHER			MORTADELA		
ANCIOSO			REINVINDICAR		
CHILIQUE			NASCER		
AGEITAR			DENOVO		
AMIGAÇO			RÚBRICA		
ENSSOLARADO			PAPEIS		
MOBILIAR			ANTI-RUGAS		
ESQUISITICE			TROFÉIS		

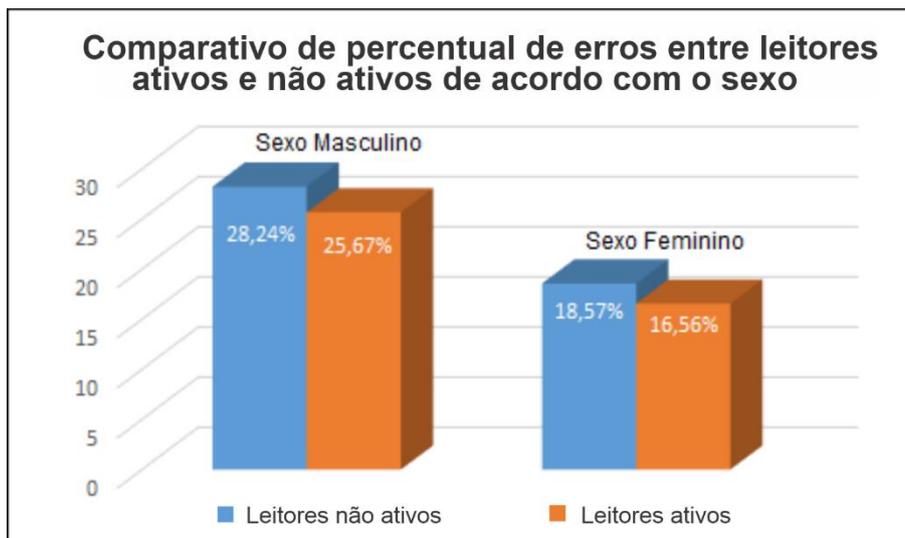
Fonte: Pesquisa dos Autores (2021)

O objetivo era observar se existe diferença perceptível no número de erros e acertos entre os que se dizem leitores ativos e os que afirmam não serem. Após a aplicação do formulário, os dados foram transcritos e mensurados em uma planilha e os resultados serão apresentados.

O primeiro fato observado, apesar de não ser o alvo principal da investigação é sobre o perfil dos leitores ativos, dos 23 que afirmam ter o hábito da leitura, 16 são garotas e apenas 7 rapazes. Já no que diz respeito aos que afirmaram não ter o hábito, dos 27, 17 são rapazes e 10 são garotas.

No geral as participantes do sexo feminino, além de serem maioria como leitores ativos, mostraram percentual de erros mais baixo do que os participantes do sexo masculino, no entanto, nos dois casos observou-se que o percentual de erros entre indivíduos que se declaram leitores (25,67% para homens e 16,56% para mulheres) é menor do que os que não se declaram (28,24% para homens e 18,57% para mulheres).

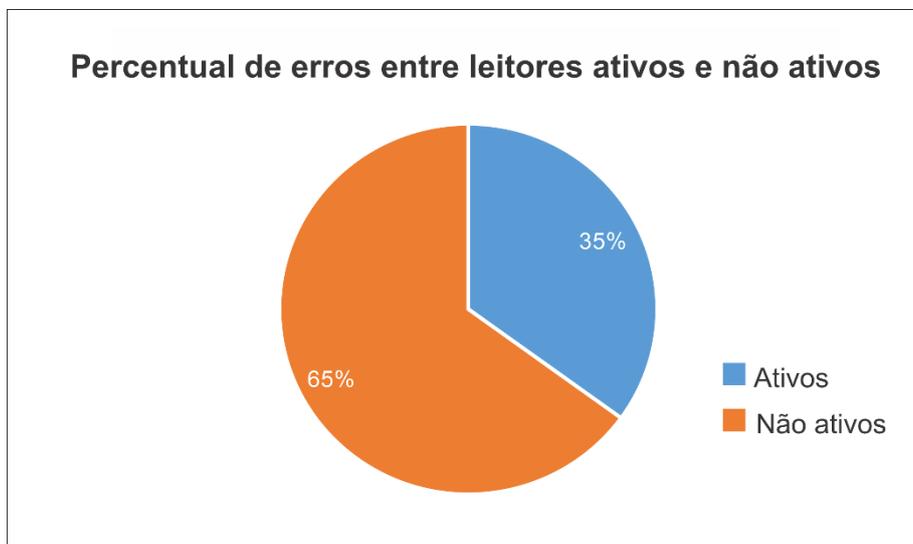
Gráfico 1. Comparativo % de erros entre leitores ativos e não conforme o sexo



Fonte: Autores (2021)

De um modo geral, os dados mostram que os leitores ativos obtiveram resultados melhores do que os que os que declaram não ser. Pôde-se que cerca de 65% do total de erros cometidos foram por parte dos leitores não ativos e apenas 35% dos que tem o hábito da leitura.

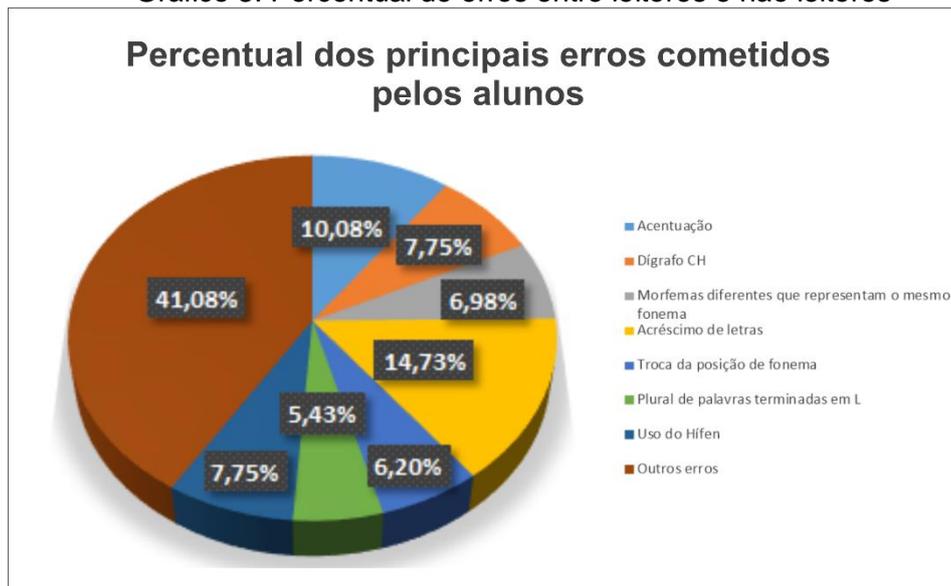
Gráfico 2. Percentual de erros entre leitores e não leitores



Fonte: Pesquisa dos Autores (2021)

No que tange aos itens que obtiveram os maiores índices de erros destacam-se: o acréscimo de letras (14,73% dos erros), acentuação (10,08%), dígrafos e uso do hífen (os dois com 7,75% cada), morfemas que representam o mesmo fonema (6,98%), troca da posição do fonema (6,20%) e plural de palavras terminadas em L (5,43%), os demais erros somam um total de 41,08% dos erros.

Gráfico 3. Percentual de erros entre leitores e não leitores



Fonte: Pesquisa dos Autores (2021)

Um fato interessante é que foram encontrados em dois formulários a tentativa dos alunos de identificar a grafia correta das palavras através da comparação da forma escrita presente no formulário com outra que eles acreditavam que podia ser a correta, nos dois formulários os alunos marcaram as alternativas corretas para as palavras que testaram. É possível que outros alunos tenham usado do mesmo artifício, porém não o tenham feito no formulário, mas em algum tipo de rascunho. A figura 3 contém um compilado com esses dois formulários:

Figura 3. Formulários em que os alunos escreveram identificar a grafia correta

IDADE: 15
 SEXO: FEMININO () MASCULINO ()
 VOCÊ SE CONSIDERA UM LEITOR ATIVO? SIM () NÃO ()
 MARQUE COM UM X PARA INFORMAR SE A GRAFIA DA PALAVRA ESTÁ CORRETA OU INCORRETA:

	CORRETO	INCORRETO	EXATIDÃO	CORRETO	INCORRETO
VÔO	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	EXATIDÃO	<input checked="" type="checkbox"/>	
HERDI		<input checked="" type="checkbox"/>	COMPRENSÃO	<input checked="" type="checkbox"/>	
JIBOIA,		<input checked="" type="checkbox"/>	ENCOMODAR	<input checked="" type="checkbox"/>	
INFRAESTRUTURA			IMPECILHO		<input checked="" type="checkbox"/>
MICRO-ONDAS	<input checked="" type="checkbox"/>		AMINÉSIA	<input checked="" type="checkbox"/>	
CO-ORDENADOR		<input checked="" type="checkbox"/>	BICABORNATO		<input checked="" type="checkbox"/>
DEGRAIS		<input checked="" type="checkbox"/>	MENDIGO	<input checked="" type="checkbox"/>	
MECHER		<input checked="" type="checkbox"/>	MORTADELA	<input checked="" type="checkbox"/>	
ANCIOSO	<input checked="" type="checkbox"/>		REINVINDICAR		<input checked="" type="checkbox"/>
CHILLIQUE	<input checked="" type="checkbox"/>		NASCER	<input checked="" type="checkbox"/>	
AGEITAR		<input checked="" type="checkbox"/>	DENOVO		<input checked="" type="checkbox"/>
AMIGAÇO		<input checked="" type="checkbox"/>	RÚBRICA		<input checked="" type="checkbox"/>
ENSSOLARADO	<input checked="" type="checkbox"/>		PAPEIS	<input checked="" type="checkbox"/>	
MOBILIAR	<input checked="" type="checkbox"/>		ANTI-RUGAS	<input checked="" type="checkbox"/>	
ESQUISITICE	<input checked="" type="checkbox"/>		TROFEIS	<input checked="" type="checkbox"/>	

Fonte: Pesquisa dos Autores (2021)

Discussão dos resultados

A pesquisa relevou dados interessantes e satisfatórios que comprovam a hipótese inicial sobre a existência de uma correlação entre a prática de leitura e o desempenho ortográfico. Nas análises, foi possível observar que os leitores ativos cometeram menos erros que os não ativos e que o desempenho das participantes do sexo feminino foi superior aos do sexo masculino. As garotas são também maioria no total de leitores ativos, o que reafirma a hipótese de que quem lê mais, obtém melhores resultados em ortografia.

A correlação pode ser mensurada através de dados percentuais que mostraram que o desempenho ortográfico dos leitores ativos é 30% superior do que os não ativos na amostra analisada. O fato de haver dois formulários onde os alunos recorreram à escrita da palavra reforça a teoria de que o processamento visual da grafia é relevante para a compreensão da forma correta de escrita. Logo, presume-se que a leitura como forma de exposição à grafia correta das palavras tende a facilitar o aluno a lembrar de sua forma gráfica ainda que não domine as regras que a regem.

Considerações finais

Esse estudo teve como objetivo investigar em que nível é possível relacionar o hábito da leitura a um bom desempenho ortográfico. Apoiado num bom aparato teórico que pontuou desde questões cognitivas que envolvem os processos, definições, e modelos de leitura, discutiu-se as afirmações pontuadas por Zanella (2007) que publicou os resultados de uma pesquisa de campo que fornece dados relevantes sobre a questão investigada. Após delinear as colocações feitas pela autora e examinar os resultados numéricos, apresentou-se uma pesquisa de campo realizada pelos autores desse artigo com adolescentes da 2ª série do Ensino Médio, onde foi possível atestar a existência de uma relação considerável entre leitura e ortografia.

Visto a comprovação de relação simbiótica entre os processos, espera-se que a leitura seja bem explorada não só como tarefa própria de compreensão de textos, mas ainda como forma de aprendizado e fixação da ortografia. Vale ressaltar que o uso de leitura contextualizada e agradável pode auxiliar muito no desenvolvimento da competência ortográfica, fazendo com que a aprendizagem seja mais consistente e prazerosa.

Referências

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

COELHO, Cíntia Rodrigues Araújo. **Desvios ortográficos nos registros das formas verbais: Proposta de ensino**. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=87665>. Acesso em 16 nov. 2021

Ellis AW. **Leitura, Escrita e Dislexia: Uma análise cognitiva**. Porto Alegre: Artmed; 1995. FARACO, C.E. e MOURA, F.M. **Gramática Nova**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

FILHO, Dalson Britto Figueiredo; JÚNIOR, José Alexandre da Silva. **Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson**. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/politicohoje/article/viewFile/3852/3156>. Acesso em: 19 nov. 2021

GEHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Desvendando os métodos de pesquisa**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021

JORM, A.F. **Psicologia das dificuldades de leitura e ortografia**. Porto Alegre, Artes Médica, 1985.

MARCUZZO, Patrícia. **O papel da Leitura crítica no ensino de língua estrangeira**. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:tOV4p_YqVrHEJ:coral.ufsm.br/lec/02_04/Marcuzzo.htm&hl=pt-BR&gl=br&strip=1&vwsrc=0. Acesso em 20 nov. 2021

MEIRELES, Elisabet de Sousa; CORREA Jane. **Regras Contextuais e Morfossintáticas na Aquisição da Ortografia da Língua Portuguesa por Crianças**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/25004664_4_Regras_contextuais_e_morfossintaticas_na_aquisicao_da_ortografia_da_lingua_portuguesa_por_crianca. Acesso em: 17 nov. 2021

MORAIS, A.G. **O aprendizado da ortografia**. 2. ed. Rio de Janeiro, Autentica, 1998.

NOBRE, Alexadre de Pontes; SALLES, Jerusa Fumagalli **O papel do processamento léxico-semântico em modelos de leitura**. Disponível em: [NobreeSalles2014-Opapeldoprocessamentolxico-semnticoemmodelosdeleitura.pdf](#). Acesso em: 17 nov. 2021

OLIVEIRA, Helder Coelho. **A funcionalidade da gramática no ensino da língua portuguesa**. Disponível em: [A funcionalidade da gramática no ensino da língua portuguesa](#). Acesso em: 17 nov. 2021

TUNMER, W., NESDALE, A. e Wright, D. (1987). **Syntactic awareness and reading acquisition**. *British Journal of Developmental Psychology*, 5, 25-34.

ZANELLA, Maura Spada. **Leitura e Aprendizagem da Ortografia: Um estudo realizado com alunos de 4ª a 6ª série do Ensino Fundamental**. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16278>. Acesso em: 15 nov. 2021